

## **PLANO REGIONAL PARA 2011**

*Cada vez mais de cada vez menos*

Sr. Presidente da Assembleia

Sras. e Srs. Deputados

Sr. Presidente do Governo

Sra. e Srs. Membros do Governo

O Plano Regional para 2011 para o sector da Agricultura mantêm a mesma filosofia de actuação dos seus precedentes e, como tal, não apresenta uma substancial inovação agrícola, não é financeiramente suficiente em matéria de investimento e está preso a “velhas atitudes” de orientação, que não conseguem satisfazer as exigências agrícolas da modernidade.

Um Plano produzido para receber as iniciativas externas, o que o torna incapaz para responder às especificidades deste Arquipélago.

Mesmo neste domínio é notório a falta de capacidade do Governo Regional em utilizar os fundos comunitários. Entre 2007 e 2009 O Governo Regional desperdiçou cerca de 23 milhões de euros do programa POSEI.

Uma primeira conclusão demonstra o crescente desinteresse do Governo Regional para a Agricultura, já que o esforço regional, relativamente a 2010, diminui no principal sector de exportação. Falo do abastecimento de água, caminhos agrícolas, electrificação, promoção dos produtos regionais, o incentivo à compra de terras entre outras rubricas que decrescem financeiramente neste plano, nalguns casos, na ordem dos 20%.

Aliás, o desinteresse é comprovado pelo peso do VAB (Valor Acrescentado Bruto) da actividade agrícola e agro-pecuária que entre 1996 e 2008 diminuiu 49,7%.

Mas que credibilidade nos dá estes documentos se, e acordo com a execução financeira de 2009 (último ano de execução conhecido) no sector agrícola, o Governo Regional não utilizou cerca de 17,5 milhões de euros do dinheiro que tinha anunciado para esse ano, o que corresponde a uma taxa de execução de 73,6%.

É cada vez mais o dinheiro anunciado e não investido, ou seja, a taxa de execução na agricultura tem vindo a diminuir nos últimos 4 anos.

2006 – 98,9%

2007 – 91,6%

2008 – 81,3%

Verifica-se em 2009 que, por exemplo, a medida “Apoio ao investimento nas explorações agrícolas” apenas registou uma execução de 49,90%, isto é, metade dos 4 milhões de euros programados.

Até se compreende que assim seja, pois se as previsões são mal feitas, a execução deixa de fazer sentido. Não se pode executar bem o que está mal previsto.

Os Açorianos foram iludidos e torna-se evidente que muito dinheiro no plano não é sinónimo de muito dinheiro aplicado. Por isso os Agricultores têm razão quando se queixam das dificuldades.

O Plano para 2011, em matéria agrícola, não deve merecer confiança, pela falta de confiança dos seus antecessores.

Para mais, repare-se que as cinco bandeiras assinaladas em 2004 pelo PS ainda não foram cumpridas. Refiro-me à criação do Centro do Leite e Lacticínios, na implementação da Extensão Rural, no impulso ao Emparcelamento, aos seguros agrícolas e ao aumento das exportações.

Estamos a falar de um sector que contribui decisivamente para contrariar a tendente desertificação humana e o envelhecimento de sete ilhas dos Açores, produz alimentos e influência outros sectores proporcionando efeitos multiplicativos importantes para a economia da Região. Por isso a Agricultura há muito que deixou de ser um tema só dos Agricultores, pelo contrário, diz respeito a todos os Açorianos.

Mas vamos a alguns itens deste plano que consideramos dramáticos pela falta de dinamismo e de visão

A diversificação agrícola é um programa básico ao suporte da pluri-actividade e, naturalmente do pluri-rendimento agrícola, desespera por clarificação, continuando subserviente à falta de criatividade por parte do Governo Regional.

Talvez, para o Governo a diversificação seja só a beterraba, ou melhor, a alternativa que impõe ao leite. A este propósito o Governo não pode ser um factor de instabilidade, já que está a ser um concorrente directo com os Agricultores ao oferecer preços exorbitantes aos terrenos. No fundo rouba os terrenos aos Agricultores.

Hoje também fazemos uma avaliação política, papel desta Assembleia, e gostávamos de saber a final quem manda na Secretaria da Agricultura. O secretário ou o Vice-presidente. Não se atropelem. Desentendimentos só prejudicam os Açorianos.

Na área da formação verifica-se que a valorização profissional agrícola possui uma dotação inversamente proporcional às necessidades reais, pois a verba inscrita em 201 diminui 27% relativamente a 2008.

O rejuvenescimento agrícola é outra temática que surge, novamente, entregue a si própria, sem destino, sem metas e sem ambição.

Não se observa neste Plano um convite de forma integrada e dirigida, particularmente, aos filhos dos Agricultores para assegurarem a actividade agrícola. A passagem do testemunho fica quase exclusivamente à mercê de um programa comunitário. Mais uma vez nada de novo regional, nada de verdadeiramente motivador e convidativo para os Jovens Açorianos.

Há que perceber que necessitamos de um programa regional de relevo inter-geracional.

A investigação científica aplicada à Agricultura torna a receber uma nota negativa. As verbas inscritas, neste Plano persistem irrisórias, o que denota uma ausência de sensibilidade do Governo Regional para o vínculo que deve haver entre Agricultura e conhecimento científico.

Não se compreende que tendo em conta os meios técnicos e científicos ao nosso dispor, não se faça uma Agricultura com um melhor rendimento. Mas porque se queixam tanto os Agricultores em relação ao seu rendimento se o Governo anuncia também milhões para a Agricultura.

Este é um Governo que não reivindica perante a República é cúmplice da falta de empenho na União Europeia.

Que aceita que o Governo da República diga que as propostas apresentadas pela Comissão, a semana passada, são boas para Portugal. E para os Açores São boas com o fim das quotas leiteiras?

Afinal, houve publicidade enganosa nas últimas eleições Regionais. Rezava o placar que “Juntos”, César e Sócrates, conseguiríamos. O único que conseguiram foi uma grande cumplicidade para prejudicar os Açores em matéria agrícola.

Aguardávamos, que este Plano contemplasse com maior profundidade algumas possíveis vertentes agrícolas de crescimento, designadamente, na floricultura, na vitivinicultura, na horticultura, na fruticultura, na silvicultura, na apicultura, na avicultura e na produção de batata de consumo.

Um plano onde não se cria sustentabilidade alimentar na Região. Os Açores continuam muito prisioneiros do exterior. Ficamos mais pobres com estas atitudes.

O Governo ainda não compreendeu que a riqueza de um país ou de uma região também se mede pela sua capacidade de produzir alimentos de forma diversificada, segura e durável, para consumo interno e para exportação.

Aliás, se é verdade que existe uma crise internacional mais razões deveriam existir para apostar na produção regional e na promoção destes produtos locais com todos os benefícios que daqui derivam, como a criação de emprego, na saúde e no ambiente.

O Plano é, acima de tudo, uma zona de “esquecimento colectivo”, uma vez que não faz referência a aspectos agrícolas de nova geração e que influem decisivamente no rendimento dos Agricultores e, em geral, na economia dos Açores, nomeadamente: na promoção de novas tecnologias, na implementação de técnicas genéticas, como a transferência embrionária, no incentivo e na valorização dos produtos da pecuária extensiva ou biológica, no reconhecimento da multifuncionalidade do mundo rural, na associação da Agricultura com saúde pública, no contributo da Agro-pecuária para a existência de energias alternativas, entre outros aspectos.

Sr. Presidente da Assembleia

Sras. e Srs. Deputados

Sr. Presidente do Governo

Sra. e Srs. Membros do Governo

A ausência de novas abordagens políticas nestes documentos implica a existência de um pensamento desajustado e muito limitativo porque se resume a uma actuação de cada vez mais de cada vez menos.

O Governo soluciona todos os problemas na Agricultura, utilizando a mesma receita há 14 anos. Reduz o número de Agricultores, isto é, sempre que há um problema abate-se o número de vozes incómodas. Porém ao mesmo tempo está a eliminar postos de trabalho.

O grande desafio na Agricultura não é fazer o mais fácil é manter o número de agricultores. Nos últimos 10 anos desapareceram 40% das explorações agro-pecuárias nos Açores.

Aproveito a ocasião para, também afirmar que na Secretaria da Agricultura não pode existir um departamento que se dedique quase exclusivamente a organizar festividades. Gastam alegremente, por isso impõe-se combater o facilitismos e por rigor.

O Governo continua a não querer comportar neste programa anual, estudos de prospecção e previsibilidade que ajudem a desenhar e a dotar de segurança medidas de médio e longo prazo.

Acompanhar os mercados, perceber a formação dos preços e ter a capacidade de antever o comportamento da globalização são aspectos que caracterizam, hoje, em Agricultura, um novo factor de competitividade que não pode ser menosprezado ou relevado para segundo plano. É tão importante como ter bons preços nos adubos ou nas sementes.

Aliás, o princípio é simples, não se pode gerir o que não se mede.

O Governo continua a não querer dar a compreender a formação dos preços aos Produtores mas principalmente aos consumidores. Trata-se de uma transparência que a democracia, na actualidade exige.

Finalmente, e a jeito de conclusão o Governo tem de entender que a política para a Agricultura tem de ser mais do que colocar dinheiro à disposição dos problemas, tem de ser mais do que a comparticipação financeira da Região às ideias de Bruxelas, é preciso estabelecerem-se vontades e ideias próprias pela existência de Agro-políticas diferentes, principalmente, de previsibilidade, de competitividade e de reconhecimento.

Disse

António Ventura

24/11/2011